

DESEQUILÍBRIOS COMERCIAIS MUNDIAIS E NO SEIO DA UNIÃO EUROPEIA CONTRIBUEM PARA AS CRISES E PARA A DESINDUSTRIALIZAÇÃO DE MUITOS PAÍSES**RESUMO DESTE ESTUDO**

Um aspeto importante da realidade atual que tem sido ignorado ou subestimado pelo pensamento económico de quadrantes políticos opostos, embora por razões diferentes, é o papel que têm os desequilíbrios do comércio mundial e também na U.E. no eclodir das crises financeiras que abalam com frequência crescente países, regiões e agora o mundo, crises essas que depois se repercutem, com efeitos devastadores, a nível económico e social, contribuindo (aqueles desequilíbrios) para a desindustrialização crescente de muitos países o que agrava mais os défices das suas contas externas.

Segundo a OCDE, no período 2003-2010, os Estados Unidos e os países da U.E. acumularam, nas suas balanças comerciais, respetivamente um défice de 5.953 mil milhões de dólares e de 1.153 mil milhões de dólares, enquanto, no mesmo período, a China acumulou um saldo positivo de 1.277 mil milhões de dólares, a Federação Russa também um saldo positivo de 1.129 mil milhões de dólares, e o Brasil igualmente um saldo positivo de 260 mil milhões de dólares na sua balança comercial. Os desequilíbrios também se verificam no seio da própria União Europeia. Segundo o Eurostat, no período 2002-2011 (o período do euro), a Alemanha acumulou na sua balança comercial um saldo positivo de +1.558.452 milhões €; a Holanda de +364.534 milhões €; enquanto a Grécia acumulou um saldo negativo de -317.329 milhões €; a Espanha de -662.104 milhões €; a França de -412.492 milhões €; a Itália de -103.719 milhões €, e Portugal um défice de -187.317 milhões €. E as causas desta situação ainda se tornam mais claras, se se tiver presente que, neste período, cerca de 63,1% das exportações da Alemanha e 78,9% das exportações da Holanda foram para países da União Europeia. No período 2007-2011, Portugal teve sempre com a China, Alemanha e Holanda, balanças comerciais altamente deficitárias, tendo a soma dos saldos negativos acumulados atingido, só em relação a estes 3 países, -27 125 milhões €. É impossível compreender, a nosso ver, a crise atual do capitalismo ignorando estes desequilíbrios.

Face a estes dados, torna-se claro que os saldos positivos verificados, de uma forma persistente, nas balanças comerciais de certos países são conseguidos à custa de contínuos défices registados nas balanças de outros, o que leva à acumulação de reservas enormes nuns países e de dívidas elevadas em outros. Como a crise atual mostrou, esses enormes meios financeiros acumulados em certos países acabam por alimentar fluxos de capitais geradores de especulação e de crises, como a que atualmente o mundo enfrenta. O exemplo paradigmático é o caso da China que, com as reservas assim acumuladas, por um lado, adquiriu, até Setembro de 2012, cerca de 1.155,5 mil milhões dólares da dívida pública americana, alimentando desta forma também a especulação nos E.U.A. que contribuiu para a atual crise global e, por outro lado, tem-se aproveitado da crise dos países endividados para adquirir empresas estratégicas a preço de saldo, como aconteceu em Portugal com a EDP e a REN, onde duas empresas estatais chinesas se tornaram, de um momento para o outro, os seus principais acionistas.

As consequências dos desequilíbrios que se verificam no comércio mundial e também dentro da U.E., possibilitados pela liberalização e desregulamentação do comércio internacional, não se limitam aos anteriores. Eles também contribuíram para a desindustrialização crescente de muitos países, incluindo Portugal. É certo que não foram a única razão, mas certamente tiveram e têm um papel importante que não deve ser subestimado, mas que é ignorado por muitos analistas e políticos. Nesta estratégia encontram-se associados as principais economias emergentes (China, Brasil, Índia, Coreia do Sul, etc.) e grandes empresas transnacionais, embora por razões diferentes. Os países emergentes, com o objetivo de alcançar elevadas taxas de crescimento e assim ascenderem a patamares de desenvolvimento mais elevados, adotaram modelos de crescimento económico baseados fundamentalmente nas exportações e na acumulação de elevadas reservas através de um reduzido consumo interno (público e privado). Para isso, utilizam dois instrumentos para tornarem os seus produtos competitivos no mercado global: baixos salários e moeda subvalorizada através do controlo cambial estatal. Nesta estratégia têm tido um poderoso aliado – os grandes grupos transnacionais – já que tal estratégia tem permitido também a estes grupos obterem elevados lucros. E isto porque esses grupos económicos, aproveitando-se das facilidades concedidas pelos governos desses países, criam filiais ou associam-se com empresas nacionais e, tirando partido dos baixos custos do trabalho e da moeda subvalorizada para tornar ainda mais competitivos os produtos fabricados nesses países, apoderaram-se não apenas de uma parte do mercado desses países, mas também concorrerem, em conjunto com as empresas dos países emergentes, nos mercados dos países desenvolvidos, eliminando competidores e provocando a desindustrialização, agravada pela deslocalização de empresas com o objetivo de manterem as taxas de lucro ou de sobreviverem, e aproveitando, para isso, a desregulamentação e a liberalização do comércio internacional policiada pela OMC. Os grupos económicos transnacionais funcionam como autênticos cavalos de troia instalados nos países desenvolvidos, constituindo poderosos aliados dos países emergentes, como sucede nos próprios EUA e França, onde ex-membros dos governos americano e francês integram poderosos “lobys” que defendem o comércio livre com a China confirmando, mais uma vez, que o capital não tem pátria. O que aconteceu em relação aos têxteis portugueses, cujo acordo assinado pela Comissão Europeia no âmbito da OMC, conduziu à destruição de uma parte significativa da indústria têxtil e de vestuário em Portugal e em mais países da U.E. é um exemplo, entre muitos, das consequências de tal estratégia em que estão associados os países “emergentes”, as empresas, muitas delas multinacionais, e poderosos interesses internos também altamente beneficiados com tal política.

Alguns dados oficiais tornam claro a dimensão dos desequilíbrios existentes quer a nível mundial quer na própria União Europeia e, conseqüentemente, também mais fácil a compreensão dos seus efeitos devastadores. O quadro 1, construído com dados divulgados pela OCDE, dá uma ideia dos desequilíbrios que se têm vindo acumular no comércio mundial mesmo em período de crise

Quadro 1 - . BALANÇA DE BENS (Exportações menos importações de mercadorias)
Mil Milhões de dólares - USA

PAÍSES	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Soma
Japão	88,5	110,5	79,1	67,7	92,1	18,9	28,7	75,7	561
Coreia do Sul	15,0	29,4	23,2	16,1	14,6	-13,3	40,4	..	125
Turquia	-22,1	-34,4	-43,3	-54,0	-62,8	-70,0	-38,8	-71,6	-397
Estados-Unidos	-581,4	-707,4	-828,0	-882,0	-854,6	-864,9	-545,2	-689,4	-5.953
UE 27	.. (?)	(?)..	-157,8	-230,1	-263,5	-358,4	-143,5	(?)..	-1.153
OCDE (total dos países)	-414,8	-515,8	-737,5	-871,0	-832,3	-1 006,7	-477,1	..	-4.855
Brasil	24,9	33,8	44,9	46,5	40,0	24,7	25,3	20,3	260
China	25,5	32,1	102,0	177,5	263,9	298,1	196,1	181,8	1.277
Índia	-13,1	-23,1	-40,5	-57,0	-72,7	-133,9	-89,6	..	-430
Rússia (Federação)	76,3	106,0	142,7	163,4	152,5	200,9	131,0	155,6	1.129
Africa do Sul	-2,9	-7,3	-8,0	-15,9	-15,8	-13,6	-9,9	-8,7	-82

FONTE: Panorama das Estatísticas da OCDE.

O quadro anterior não inclui a totalidade dos países do mundo, mas abrange a maioria do comércio internacional, e a conclusão imediata que se tira é que a esmagadora maioria dos países desenvolvidos (E.U.A. e U.E). apresentam balanças comerciais extremamente deficitárias, enquanto países como o Brasil, a China, a Rússia, o Japão e a Coreia acumulam elevados saldos positivos nas suas balanças de bens. O desequilíbrio no comércio mundial é evidente (os saldos negativos de uns países têm como contrapartidas os saldos positivos de outros). A desregulamentação total do comércio mundial está a provocar fluxos comerciais desiguais inevitavelmente com efeitos negativos muito grandes que não devem ser ignorados até para se poder compreender as crises atuais.

No próprio seio da U.E. verificam-se profundos desequilíbrios comerciais, sendo uma das causas mais importantes da grave crise que atingiu vários países europeus.

Quadro 2 – Balança Comercial (bens) Total dos países da União Europeia – Milhões euros

PAÍSES	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	SOMA
Bélgica	18.841	18.274	17.080	12.620	12.034	14.151	3.762	12.017	11.670	10.961	+131.410
Dinamarca	7.587	8.030	7.173	7.668	5.616	3.754	5.140	7.780	9.440	11.181	+73.369
Alemanha	132.771	129.905	156.078	155.809	160.420	194.259	177.525	138.868	153.964	156.853	+1.556.452
Irlanda	37.930	34.361	34.548	33.030	28.359	27.524	28.389	38.159	42.408	43.376	+348.084
Grécia	-22.373	-27.820	-30.108	-29.867	-34.143	-40.098	-45.008	-35.116	-31.841	-20.955	-317.329
Espanha	-41.685	-46.372	-60.863	-77.278	-91.573	-99.237	-94.717	-47.232	-54.762	-48.385	-662.104
França	2.598	-6.012	-15.145	-32.712	-36.677	-51.988	-68.367	-54.554	-65.015	-84.620	-412.492
Itália	7.838	1.604	-1.221	-9.369	-20.452	-8.596	-13.035	-5.876	-29.982	-24.630	-103.719
Chipre	-3.454	-3.156	-3.661	-3.899	-4.456	-5.269	-6.126	-4.716	-5.406	-4.872	-45.015
Letónia	-1.862	-2.070	-2.481	-2.842	-4.290	-5.117	-4.078	-1.512	-1.628	-2.236	-28.116
Lituânia	-2.422	-2.368	-2.480	-3.008	-4.167	-5.303	-5.067	-1.326	-2.002	-2.467	-30.610
Luxemburgo	-2.577	-2.535	-3.052	-2.803	-3.317	-3.718	-4.394	-2.862	-4.031	-4.989	-34.278
Malta	-654	-862	-903	-1.060	-1.204	-996	-1.237	-1.162	-1.113	-1.370	-10.561
Holanda	26.220	27.677	30.347	34.201	37.271	42.422	38.742	39.244	43.632	44.778	+364.534
Áustria	395	-2.109	-1.230	-1.724	-367	425	-2.043	-4.355	-4.865	-9.395	-25.268
Polónia	-14.981	-12.827	-11.777	-9.807	-12.909	-18.652	-26.072	-9.289	-13.823	-14.560	-144.697
Portugal	-15.068	-13.652	-15.404	-20.242	-20.654	-21.632	-25.347	-19.682	-20.291	-15.345	-187.317
Roménia	-4.206	-5.588	-7.346	-10.313	-14.895	-21.762	-23.469	-9.863	-9.526	-9.781	-116.749
Eslovénia	-612	-954	-1.123	-875	-726	-1.063	-1.976	-237	-674	-531	-8.771
Eslováquia	-2.283	-625	-1.702	-2.219	-2.488	-1.533	-1.883	310	-276	1.439	-11.260
Finlândia	11.556	9.422	8.101	5.411	6.237	6.072	3.178	1.409	539	-3.785	+48.140
Suécia	15.381	16.411	18.357	15.485	16.124	11.376	10.079	7.818	7.244	8.067	+126.342
Inglaterra	-88.705	-82.898	-98.994	-104.484	-128.834	-143.329	-126.200	-117.712	-132.108	-123.197	-1.146.461

FONTE: Eurostat

Os dados do quadro 2 revelam que existem grandes desequilíbrios nas Balanças Comerciais dos países que constituem a U.E. pois enquanto uns apresentam elevados e contínuos saldos positivos (Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Holanda), outros apresentam elevados e persistentes défices (Grécia, Espanha, França, Itália, Portugal, Polónia, Inglaterra), sendo a maioria destes últimos precisamente os países que enfrentam atualmente crises graves de dívida, o que naturalmente não surpreende. O caso da Irlanda é diferente, já que todo o seu crescimento económico tem assentado principalmente no investimento estrangeiro o que determinou um crescimento rápido do PIB e das exportações, estando associado depois à transferência dum parcela elevada da riqueza criada na Irlanda para o estrangeiro (dividendos, royalties, etc.), o que determina que, na U.E., a Irlanda seja o país em que a diferença entre o RNL (Rendimento Nacional Líquido, ou seja, o que fica no país) e o PIB (a riqueza total que é produzida no país) seja a mais elevada, ou seja, uma parte crescente e importante da riqueza produzida no país não beneficia os irlandeses, mas sim grupos estrangeiros. Em 2011, o RNL representava na Irlanda apenas 70,8% do PIB, enquanto a média na U.E. atingia 85,2% (em Portugal, era 77,8%). O governo, ao pretender transformar Portugal num paraíso fiscal para as empresas estrangeiras, segue o mesmo caminho.

OS PAÍSES DO NORTE DA U.E. TÊM SIDO OS MAIS BENEFICIADOS COM OS DÉFICES COMERCIAIS DOS PAÍSES DO SUL, O QUE CONTRIBUIU PARA AS CRISES ATUAIS DESTES ÚLTIMOS

Dois dos países da zona do euro mais beneficiados com os desequilíbrios comerciais dos países do sul são a Alemanha e a Holanda. O quadro 3, com dados do Eurostat, mostra com clareza isso.

Quadro 3- Exportações e saldo da balança comercial da Alemanha e da Holanda com os países da União Europeia – Milhões de euros

PAÍSES	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Alemanha-Exportações Totais	651.259	664.392	731.479	780.415	882.532	964.038	983.255	803.012	949.629	1.057.673
Alemanha – Exportações para U.E.	412.715	431.129	472.272	501.637	561.348	623.856	622.664	500.699	570.915	627.196
% Exportações para UE/Total exportações	63,4%	64,9%	64,6%	64,3%	63,6%	64,7%	63,3%	62,4%	60,1%	59,3%
Alemanha-Saldo Balança Comercial com a U.E.	72.147	77.797	94.524	98.946	101.218	126.577	109.896	71.799	67.982	54.636
Holanda-Exportações totais	258.099	261.680	287.336	326.640	369.249	401.864	433.722	356.962	433.168	474.867
Holanda- Exportações para EU	207510	210366	229535	260683	292284	313779	342350	276227	334428	368249
% Exportações para UE/Total exportações	80,4%	80,4%	79,9%	79,8%	79,2%	78,1%	78,9%	77,4%	77,2%	77,5%
Holanda-Saldo Balança Comercial com a U.E.	79.546	81.934	92.909	116.108	127.038	133.624	152.316	120.389	152.991	168.454

FONTE: Eurostat

No período 2002-2011 (período do euro), cerca de 63,1% das exportações da Alemanha e 78,9% das exportações da Holanda foram para países da União Europeia tendo estes dois países acumulado, neste período de 10 anos, um saldo positivo nas suas balanças comerciais com os restantes países da União Europeia, respetivamente, de 875.522 milhões € e de 1.225.309 milhões €. É evidente que estes elevadíssimos saldos positivos obtidos por estes países nas suas balanças comerciais no comércio intra-U.E. foram conseguidos à custa de elevados défices provocados nos outros países da U.E., pois exportam para estes países muito mais do que importam deles. Um dos países mais afetado por estes desequilíbrios foi precisamente Portugal como revela o quadro 4.

Quadro 4 – Défices acumulados por Portugal nas balanças comerciais com a China, Alemanha e Holanda Período 2007-2011 – Milhões de euros

DESIGNAÇÃO PAÍS	2007	2008	2009	2010	2011	SOMA	Varição 2007-2011
Exportações para a China	181	184	222	235	395	1 217	117,9%
Importações da China	1 063	1 342	1 115	1 576	1 499	6 596	41,0%
SALDO COM A CHINA	- 882	- 1 158	- 893	- 1 341	- 1 104	- 5 379	25,2%
Alemanha - exportação	4 958	4 954	4 106	4 785	5 703	24 507	15,0%
Alemanha - importação	8 368	8 595	6 790	7 913	7 118	38 784	-14,9%
SALDO COM A ALEMANHA	- 3 410	- 3 641	- 2 684	- 3 128	- 1 415	- 14 277	-58,5%
Holanda - Exportação	1 324	1 277	1 147	1 404	1.666	6 817	25,8%
Holanda-Importação	2 838	3 025	2 738	2 932	2.753	14 287	-3,0%
SALDO COM A HOLANDA	- 1 514	- 1 748	- 1 591	- 1 528	- 1 088	- 7 469	-28,2%
SOMA DOS SALDOS	- 5 806	- 6 547	- 5 168	- 5 998	- 3 607	- 27 125	-37,9%

FONTE: INE

Em 5 anos (2007/2013), e em plena crise, Portugal acumulou saldos negativos com a China, Alemanha e Holandas que totalizaram 27.125 milhões €, e que resultaram de importar desses países muito mais do que conseguiu exportar para esses países. Tal facto contribuiu também para o forte endividamento do país, uma das principais causas da crise em que está mergulhado.

DESEQUILÍBRIOS NO COMERCIO INTERNACIONAL CONTRIBUEM PARA AS CRISES E DETERMINAM A DESINDUSTRIALIZAÇÃO DE MUITOS PAÍSES

Uma das características do pensamento económico dominante atual é a incapacidade, por motivos ideológicos ou outros, de compreender as consequências dos desequilíbrios globais e regionais gerados por um comércio internacional liberalizado, desregulado, e policiado pela OMC. Quem faça uma análise objetiva da realidade mundial atual, concluiu rapidamente que os saldos positivos gigantescos verificados, de uma forma persistente, nas balanças comerciais de certos países, são conseguidos à custa de défices contínuos nas balanças de outros, o que leva à acumulação de reservas enormes nuns países e de dívidas elevadas em outros. Como esta crise mostrou, as reservas enormes acumuladas em certos países acabaram por alimentar fluxos de capitais que criaram condições propícias para a especulação financeira, gerando crises como a atual.

As consequências dos desequilíbrios que se verificam no comércio mundial e também dentro da U.E. não se limitam às anteriores. Eles também contribuíram para a desindustrialização crescente de muitos países, incluindo Portugal. É certo que não foram a única razão, mas certamente tiveram e têm um papel importante que não deve ser subestimado. Nesta estratégia encontram-se associados as principais economias emergentes (China, Brasil, Índia, Coreia do Sul, etc.) e grandes grupos transnacionais, embora por razões diferentes. As economias emergentes, com o objetivo de alcançar elevadas taxas de crescimento e assim ascenderem a patamares de desenvolvimento mais elevados, adotaram modelos de crescimento económico baseados fundamentalmente nas exportações e na acumulação de reservas elevadas através de um reduzido consumo interno (público e privado). Para isso, utilizam dois instrumentos que tornam as suas exportações altamente competitivas no mercado internacional: baixos salários e subavaliação da sua moeda através do controlo da taxa de câmbio pelo governo (a chamada desvalorização cambial que Portugal está impossibilitado de fazer por pertencer à zona do euro). Nesta estratégia, estes países têm tido poderosos aliados – empresas dos próprios países e os grandes grupos transnacionais – pois estes são também beneficiados com tal estratégia, pois conseguem assim também obter elevadas taxas de lucro. E como é que tal estratégia tem funcionado? – As economias emergentes, permitem aos grupos económicos transnacionais instalarem-se nos seus países, por vezes associados a empresas nacionais, e a tirar partido dos baixos salários e de uma moeda subvalorizada, para tornar ainda mais baratos os produtos fabricados o que permite a esses grupos, por um lado, apoderarem-se de uma parte importante do mercado interno desses países e, por outro lado, assaltarem, em conjunto com as empresas dos países emergentes, os mercados dos países desenvolvidos, eliminando competidores e provocando a desindustrialização, aproveitando-se para isso da desregulamentação e da liberalização do comércio internacional policiado pela OMC. Os grupos económicos transnacionais, que são também altamente beneficiados com tal estratégia, funcionam como autênticos cavalos de troia instalados nos países desenvolvidos, como sucede nos próprios EUA e França, onde ex-membros dos governos americano e francês integram poderosos “lobys” que defendem o comércio livre nomeadamente com a China. O que aconteceu em relação aos têxteis portugueses, em que o acordo Multifibras assinado pela Comissão Europeia no âmbito da O.M.C. teve em conta a situação da indústria nos diferentes países da U.E., o que conduziu à destruição de uma parte da indústria têxtil e do vestuário em Portugal e em mais países da U.E. é um exemplo, entre muitos, das consequências de tal estratégia em que estão associadas os países “emergentes”, grupos económicos, e interesses poderosos dos países desenvolvidos.

Alguns, esquecendo as consequências para economias de países como Portugal, e para os respetivos trabalhadores, já que tal estratégia faz disparar o desemprego devido à destruição de setores de atividade económica causada por uma concorrência global desigual, assim como funciona como justificação para a destruição do “modelo social europeu”, defendem-na com a esperança de que ela conduza, a longo prazo, à destruição do domínio da economia mundial pelos grupos económicos transnacionais (tal domínio seria eliminado por países como a China), e ao aparecimento de uma ordem internacional mais justa. No entanto, por um lado, a evidência empírica não confirma, a nosso ver, que isso seja inevitável e venha a acontecer e, por outro lado, como dizia Keynes, a longo prazo, a geração atual já estará morta. O objetivo mais correto, e aquele que tem em conta os interesses nacionais seria, a nosso ver, o de um comércio internacional regulado, que garantisse um maior equilíbrio do comércio entre todos os países do mundo, permitindo um aproveitamento mais completo dos seus recursos e um desenvolvimento sustentado e equilibrado. Re-industrializar o país, num quadro de comércio internacional desregulamentado e liberalizado é, a nosso ver, uma tarefa difícil ou mesmo uma ilusão, embora seja possível o aparecimento de empresas orientadas para nichos de mercado e para substituir determinadas importações,

Eugénio Rosa – Economista - edr2@netcabo.pt – 25.11.212